

Escola como encontro: uma certa experiência possível¹

Freire, Sulamita Inacio ²

Santos, Maria ³

RESUMO

Este texto desloca a pensar *escola* como encontro que acontece a todo tempo e, portanto, incapturável, irrepresentável, irreproduzível. Trata-se da possibilidade de não antecipar o nome escola e, então, anunciar outras nomeações. Isso fazendo da sua metodologia uma escritura que emerge entre rastros do próprio movimento de escrita e rastros de experiências de ambas as autoras que convidam a pensar. Ele opera com ideias pós-fundacionais e pós-estruturais, dialogando, principalmente, com Macedo (2017; 2017a; 2019; 2019a), Lemos e Macedo (2022), Derrida (1991; 1994; 2010) e Haddock-Lobo (2013, 2013a; 2020; 2021) e mobiliza a defesa de que *escola* não se trata apenas da questão normativa do que cabe ao nome, mas, sim, do que confere reconhecimento às coisas que anunciamos a ela. Uma experimentação que se abre a agenciamentos inimagináveis ainda porvir, transbordando seu nome.

Palavras-chave: escola; encontro; experiência; nomeação.

School as encounter: a certain possible experience

ABSTRACT

This text shifts thinking about school as an encounter that happens all the time and, therefore, uncapturable, unrepresentable, irreproducible. This involves the possibility of not bringing forward the name of the school and then announcing other names. This, making its methodology a writing that emerges between traces of the writing movement itself and traces of experiences of both authors that invite us to think. It operates with post-foundational and post-structural ideas, dialoguing mainly with Macedo (2017; 2017a; 2019; 2019a), Lemos and Macedo (2022), Derrida (1991; 1994; 2010) and Haddock-Lobo (2013, 2013a; 2020; 2021) and mobilizes the defense that school is not just about the normative question of what belongs to the name, but rather what gives recognition to the things we announce to it. An experiment that opens up to unimaginable agencies yet to come, overflowing its name.

¹ Pesquisa realizada com o apoio financeiro do CNPq.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Integra o Grupo de Pesquisa Giros Curriculares: currículo, cultura e diferença. É docente pesquisadora EBTT de Artes Visuais no Colégio de Aplicação da UFRJ. Email: sula.freire@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0134432313076506>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7355-355X>.

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro do grupo de pesquisa Giros Curriculares: currículo, cultura e diferença. Email: santosmaria.m@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0699554024690160>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9297-4539>.

Keywords: school; encounter; experience; naming.

Escuela como encuentro: una cierta experiencia posible

RESUMEN

Este texto cambia el pensamiento sobre la escuela como un encuentro que ocurre todo el tiempo y, por tanto, incapturable, irrepresentable, irreproducible. Se trata de la posibilidad de no mencionar el nombre de la escuela y luego anunciar otros nombramientos. Esto, haciendo de su metodología una escritura que emerge entre huellas del propio movimiento de escritura y huellas de experiencias de ambos autores que invitan a pensar. Opera con ideas posfundacionales y posestructurales, dialogando principalmente con Macedo (2017; 2017a; 2019; 2019a), Lemos y Macedo (2022), Derrida (1991; 1994; 2010) y Haddock-Lobo (2013, 2013a; 2020; 2021) y moviliza la defensa de que la escuela no se trata sólo de la cuestión normativa de qué pertenece al nombre, sino de qué da reconocimiento a las cosas que le anunciamos. Un experimento que se abre a agencias inimaginables aún por venir, desbordando su nombre.

Palabras clave: escuela; reunión; experiencia; cita.

INTRODUÇÃO

[...] rabisco então alguns traços nervosos com a mão direita [...]. Algumas vezes, sempre sem ver [...]. São anotações para não esquecer, grafites ilegíveis, dir-se-ia em seguida uma escrita cifrada (Derrida, 2010, p.11).

Iniciamos este texto pensando-o como espaço desassossegado de escrita que tem a intenção de falar sobre *escola*. *Escola* não no sentido de lugar destinado a alunos, professores e funcionários. Tampouco falar do objetivo de formar os sujeitos em aspectos sociais, culturais e cognitivos. Sabemos e reconhecemos que essas significações são parte dela, mas nosso desejo é que as palavras que aos poucos aqui se organizam sejam uma abertura a outros sentidos, pois a procura de uma nomeação *escola* deve ser mais do que uma fala, do que um dizer do que cabe em seu nome e em seu currículo, já que a tentativa do falar emergirá como algo incalculável (Lemos; Macedo, 2020).



REVISTA
interitórios

Interitórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

Assim, na condição que desejamos falar, *escola* é mais do que a anunciamos ser, pois a compreendemos como um feixe sempre aberto, sem centro ou margens bem delineados, onde cada aluno, professor, diretor, coordenador, merendeiro, porteiro etc. constituem-se a si e uns aos outros em meio às suas experiências – essas que não dizem exatamente do vivenciar as coisas, mas sim do *ressoar* o experimentar – “*travessia*” (Derrida, 2007, p. 29) – e que acontecem em meio às dobras de si e daquilo que escapa e circunscreve o espaço escolar enquanto lugar de encontro – possibilidades –, que está *além* da experiência – “para-além de uma relação a algo presente em si mesmo” (Haddock-Lobo, 2013, p. 264).

Trata-se, portanto, de uma proposta que de certa forma interpela as impossibilidades possíveis da teoria curricular, que na lógica do discurso normativo tem delimitado o que pode ser escola, logo, rasurando-a (Lopes; Macedo, 2011; Macedo, 2017). Para tanto, opera com ideias pós-fundacionais e pós-estruturais do pensamento de Macedo (2017; 2017a; 2019), Lemos e Macedo (2020), Derrida (1991; 1994, 2010) e Haddock-Lobo (2013; 2013a, 2020, 2021), entre outros, que dizem da “impossibilidade de termos fundamentos fixos” (Lopes, 2013, p. 13), e mobiliza *rastros de experiências* (Derrida, 1991) que nos acompanham, assombram, perturbam e são invocados por fotografias e anotações em caderno acerca de situações singulares que não se querem universais. Por *rastro* compreendemos algo que “não é nunca como tal, em apresentação de si” (Derrida, 1991, p. 57), mas, sim, que se apaga, “apresentando-se, silencia-se ressoando” (Derrida, 1991, p. 57); então, o que aqui chamamos de *rastros de experiências* devem ser lidos/sentidos como um movimento de *escritura* [nosso] (Derrida, 2017; Santos, 2022) com a escola e os seus atravessamentos sem forma final. Portanto, uma escrita em-relação – que se faz na relação com a escola – com o que julgamos saber dela e o que ouvimos dela e dos seus projetos políticos. Expõem, assim, sem nada revelar, uma escrita que aciona para as múltiplas construções do que podemos chamar de realidade da escola – sempre incapturável e a acontecer –, que só é possível de ser lida em *experimentação* com/no seu cotidiano e suas relações.

Não é uma proposta que entende experiência como experiência generalizada, em que descrevemos uma suposta realidade aparente como sujeitos autoconscientes (Miller, 2005; Santos, 2022; 2023). Antes coloca-se como um abrir para o muito mais que há! De modo que se torna imprescindível sublinhar que as fotografias e anotações de caderno que nele aparecem não



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

aparecem como elementos a serem interpretados, desvendados, como dados empíricos que provam isso ou aquilo. Não. Ao invés disso, agem como disparadores de pensamento que carregam o espírito do nosso argumento [a possibilidade de não antecipar o nome escola], que incitam o desejo [nosso e –quem sabe? – de quem agora nos lê] de falar sobre escola e que se entrelaçam às palavras e ao fluxo da escrita que transborda, permanecendo sempre em movimento e em interação.

Aliás, assumimos que as anotações e as fotografias não foram pensadas *a priori* para esta escrita. Elas foram assumidas no texto por ocasião de questões sobre o nome escola – o que pode o nome escola? – em conversas nossas com os grupos de pesquisa Giros Curriculares (UERJ) e Questão da Escola (CAP/UFRJ). Ainda interessa-nos dizer que a pulsão que concerne às anotações de caderno se sobrepõe ao fato de sermos professoras e pesquisadoras e, portanto, não acusamos o tempo em que elas foram realizadas. Antes, o que nos interessa é o movimento que nos impulsiona a criar e como esse movimento permeia e mobiliza a vida, o cotidiano. Escritas em muitos lugares: na rua, em frente a um portão de escola pública do Rio de Janeiro, no metrô, em sala de aula, em espaços da universidade etc., as anotações aparecem como convite a experienciar escola e sua teorização. Para nós, tanto elas quanto as fotografias são parte de acontecimentos que dizem escola que estão “além do ser” (Derrida, 1995, p. 8), transbordando o próprio nome e, portanto, fazendo do texto empiria e metodologia. Ou, como anunciamos, *rastros de experiências*, que fazem da escrita ela própria uma experiência possível diante de sua própria impossibilidade (Santos, 2022). Um modo de dar outros sentidos ao que se entende como *escola*, abrindo-a ao que não se pode antecipar.

Para tanto, em um primeiro momento traremos à tona a ideia de experiência para além da experiência como caminho para pensar *escola* sem a pretensão de capturá-la, representá-la, interpretá-la. Depois, apresentaremos a ideia de espelhamento como desvio, distorção, e não como mesmidade, e, assim, a experimentação *escola*. Por fim, mas em abertura, pensaremos a teoria curricular, a escola e o próprio texto como rastros (Derrida, 1991) que transbordam a si no encontro com aquilo que chega e acontece – sempre e de novo, mas nunca da mesma maneira.



REVISTA
interitórios

Interitórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

Uma certa experiência como caminho...

Propondo simultaneamente o monumento e a miragem do rastro, o rastro simultaneamente sulcado e apagado, simultaneamente vivo e morto, vive como sempre de também simular a vida na sua inscrição guardada (Derrida, 1991, p. 58).

Para escrever a partir de rastros de experiências que giram em torno do pensar *escola*, tomamos como ponto de partida o caderno de anotações de estudos de uma de nós. Abrimo-lo, folheamos e encontramos nele uma série de registros realizados “por vezes à beira do acidente” (Derrida, 2010, p. 11), vendo-sem-ver. Rabiscos que foram anotados às pressas, lembramo-nos, feitos em uma profusão de encontros e estudos. Contingentes, os rabiscos compartilham o desejo de captura da experiência, mesmo que reconheçamos que tudo que concerne a ela escapa. Isso porque, assim como anuncia Derrida (1994), a experiência enquanto experiência “é sua própria partilha e sua própria oposição ao seu outro” (Derrida, 1994, p. 21); dizemos que a experiência é algo que está além das relações uns com os outros. Seu acesso absoluto só é possível como uma aporia, como “não presença plena da coisa” (Haddock-Lobo, 2013, p. 265). De tal modo, o desejo da captura, no que tange à experiência, é impossível de ser realizado. Como desejos impossíveis, ao escapar das coisas enquanto elas mesmas, os rabiscos não são a experiência em si, mais um *querer falar* dela e de uma experimentação nesse movimento.

Tal pensamento assenta-se sobre a ideia de que a experiência modifica a si no momento mesmo que é invocada (Derrida, 1994). Ainda que se busque dizer da experiência, busca-se sempre no sentido *do* falar – uma convocação a *querer falar* – mas nunca sobre a mesma coisa ou da mesma maneira. Isso porque o ato de querer dizer a mesma experiência naquilo que é convocado a *querer falar* é submetê-la a uma modificação, a uma nova escrita (Derrida, 1994; Haddock-Lobo, 2013). Desse modo, os rabiscos no caderno não denotam uma realidade e, sim, a possibilidade de *pensar esta outra experiência* que agora escrevemos e que em meio a esse gesto mesmo de escrita escapa. Trata-se, pois, de um discurso comunicativo da experiência e que, aqui, pode ser lido de diferentes maneiras, mas, sob nossa insistência, atravessado à escola, num jogo de palavras que anunciam o *além* do conhecimento, do aprender a ler e escrever, do sentido de lugar destinado a alunos, professores e funcionários, do formar para ser alguém na vida, da



REVISTA
interitórios

Interitórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

política curricular enquanto texto etc. Então, se agora damos passagem ao querer falar *escola*, e de modo que a experiência fuja, propomos pensá-la pelo que ela ainda não foi nomeada.

Contudo, indagamos: *como falar/anunciar escola pelo que ela ainda não foi nomeada?* Aqui, procuramos fazer isso ao olhar para o caderno de anotações, o qual já mencionamos, em busca de rastros para uma outra nomeação. Uma abertura a uma outra linguagem, diríamos, que se mantém sempre interrogada. Dizemos dessa forma porque, em aproximação ao pensamento de Derrida (1994), os sentidos que anunciam *escola* são expressões, repetições não tão óbvias. Se olharmos para o que cada um de nós no mundo já anunciou ao nome *escola*, e muitas dessas anunciações influenciadas, contaminadas mesmo, por nossas vivências no espaço escolar (ou por não ter tido acesso a ele ou ainda por ter deixado de frequentá-lo), perceberemos – quem sabe? – que as ideias que as acompanham (conhecimento, aprender a ler e escrever, alguém na vida, formar os sujeitos em aspectos sociais, culturais e cognitivos, política curricular etc.) não se tratam apenas de uma questão normativa do que cabe ao nome, mas, sim, do que confere o reconhecimento das coisas que anunciamos à escola (Butler, 2015). Aliás, quem confere as coisas – representações e reconhecimentos – que dizemos sobre a escola? Lembremos, pois, de Butler (2015) quando diz que, para qualquer questão normativa, temos que considerar o que produz as ideias de representação e reconhecimento, porque qualquer norma do mundo só é possível em relação a algo que está fora dela. Então, nomear a escola pelo que ainda não conhecemos (e a conhecendo) exige um esforço de fuga ao modelo normativo já enquadrado à escola. Talvez, em certa medida, devêssemos responder a todo momento à pergunta: o que achamos que vemos, o que não vemos e o que não queremos ver na aparição do nome escola?

Certamente há algo que se aproxima da dimensão do nome *escola* e que não aprendemos (legitimamente) nas escolas pelas quais passamos. As outras coisas (tantas) para o currículo e sentidos à escola estavam lá (Macedo, 2017), assim como estão agora, inclusive em lugares em que não atuamos como docentes e pesquisadoras. Por isso, pensamos que, em qualquer ocasião, se considerarmos a *escola* por meio daquilo que já conhecemos, deveríamos dizer que, apesar de todas as coisas com que a anunciamos, não é preciso que estejamos presos ou reduzidos a uma tradição discursiva do que



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

serve ao conhecimento, como aprender a ler e escrever etc. Isso porque todas as coisas que conhecemos dela ou que achamos que conhecemos dela exprimem “um querer-dizer que não é senão um querer-dizer-se da presença do sentido” (Derrida, 1995, p. 43). Ou, ainda, um desejo de dizer da escola que quer ser lugar de subjetivação, como assim ela o é: “não produz ou é efeito de sujeito, ela é o sujeito, ela sujeita e se sujeita, em um moto contínuo de produção subjetiva cujo futuro é imprevisível” (Lemos; Macedo, 2020, p. 384).

Estamos falando, pois, de como a experiência movimenta um certo efeito de presença para as coisas possíveis à escola (Macedo, 2017). Essas coisas possíveis, em sua maioria, não aparecem anunciadas no currículo, mas são currículo. São aprendizagens e conhecimentos. E, também, outras políticas curriculares – lembremo-nos! –, não como tentativa de resolver problemas, mas sim como modo de enfrentamento ao acontecimento delas mesmas (Ball et al., 2021). Atuantes e vivas, as coisas possíveis à escola, assim como as políticas, se colocam em processo contínuo e criativo – estéticos como assim defendemos – e que não estão ali para assumir um discurso de coisas implementadas, mas traduzidas como ações (Ball et al., 2021) que acontecem na relação de uns com os outros *em*-experimentação. E, ainda que tais coisas possíveis não devam ser anunciadas como ações “diferentes” na escola – o fazer artístico, a dança, a gincana pedagógica e outros –, aproximam-se, sim, do que está no cotidiano. Sendo vistas sem ser vistas, emergem como hipóteses de vista (Derrida, 2010) inesperadas: a rachadura na parede, o cano que estourou na cozinha, a cadeira rabiscada, sensações intangíveis, a fotografia, a pintura feita por alunos etc. Todas essas coisas enquadram o nome *escola* em um momento em-fazer, e, portanto, produzem significações outras. Outros nomes possíveis que insistimos em chamar de *escola* e que poderiam ser outra coisa, que agora nem mesmo sabemos como nomear ou, se quisermos, nada (Santos, 2022).

Portanto, a nosso ver, é preciso supor uma certa experiência ou um certo efeito de experiência para que essas outras coisas que inscrevem *escola* apareçam como algo que está ali junto às tantas coisas que já anunciamos e que são indetermináveis. Uma certa experiência que nunca é uma unidade e nunca é plena de presença (Derrida, 1994; Haddock-Lobo, 2013; 2013a, 2021), mas que é atravessamento dela mesma e que é sempre um pensar, um fazer em abertura. É nesse sentido que dizemos da nomeação que ainda não



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

sabemos, que, não tendo sentido fixo, atravessa para outras significações, dá-se no desvio, no rastro da própria experiência.

Encontrar escola no desvio: espelhamentos

Mais tarde, a sua forma aparecerá à luz do dia como uma fotografia revelada. Mas de momento, no preciso momento em que escrevo, não vejo literalmente nada destas letras (Derrida, 2010, p. 11).

Em momento anterior, mencionamos que este texto se tratava de uma *escritura*. E, como escritura, algo antes dessa escrita deve já ter acontecido para que possamos falar de escola (Santos, 2022; Derrida, 2017). Esse *já aconteceu* de que falamos designa sempre um caminho que nunca diz o suficiente, mas também diz sempre em demasiado (Derrida, 2017). De tal modo a travessia que nos faz agora encontrar *escola* não está somente nos rabiscos do caderno, está também em nosso cotidiano, no reflexo de uma poça d'água (*Imagem 1*) fotografada por uma de nós em um dia chuvoso na cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Humaitá, e que nos convida a acessar informações outras e pensar espelhamentos não como mesmidade, mas como desvios.

Imagem 1: Poça d'água



Fonte: Acervo pessoal, 2023.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

Se olharmos a imagem como algo que não está ao nosso alcance, como afastamento, em parte assumiremos que o seu enquadramento permite pensar em algo que está não estando, que toca e foge à captura. E que, talvez, numa leitura ansiosa, possa parecer que tudo busca resolver e precipitar sentidos de modos de pensar *escola* ou mesmo de fazê-la. Mas, aqui, queremos fugir tanto à lógica de pensar *escola* por um único gesto quanto à lógica do pensar que seja a do serviço da *escola*, já que, como Santos e Macedo (2022), resistimos à definição do serviço em que ela é empregada. Do mesmo modo, resistimos ao apelo para falar sobre como professores devem organizar/realizar seus trabalhos na escola, pois sabemos que os atores da política curricular a todo momento os indiciam para modos de *como ensinar*, *como planejar* e *como fazer* (Lemos; Macedo, 2020), o que, em nossa leitura, recai na obrigação de sempre estar respondendo que a escola não tem só que ensinar e, sim, permitir a experiência com o outro (Macedo, 2017a). Isso significa que, de certa maneira, a experiência – na relação com o outro e com ela mesma – é tarefa de vida, tornando-nos mais abertos ao mundo, aos saberes, às relações de uns com os outros e com nosso vir a ser sempre em movimento.

Isto posto, retomamos a *Imagem 1* para dizer que de momento pode até parecer que a poça d'água, o enquadramento da imagem, soe para muitos como o não acesso à escola ou então como uma tentativa de acesso excêntrica e complicada. Só que, se insistimos em olhar a combinação de cores e formas, sombras e luzes que espelham a imagem, perceberemos *talvez*, e *sempre talvez*, como diria Derrida (1997), que ela elabora uma composição outra que passa a ser importante para respondermos em alteridade àquilo que nos assombra sobre o acesso mesmo das coisas da escola. Como imagem que já foi registrada (já está aí no mundo), ela age no espaço *entre* – *entre* o reflexo e o ângulo de visão, *entre* o que vemos e o que não vemos, mas afeta. E, portanto, indagando-nos sobre as situações que nos impelem a escrever sobre *escola* como aquilo que se vê sem ver na imagem sob determinado ângulo, que, longe de espelhar o mesmo, volta-nos como distorção (Derrida, 2010). Um descaminho para pensar pensamentos outros que possam abrir a escola ao que ela pode vir a ser em seu devir. Uma espécie de convite que parte do singular e, por meio de um espelhamento *ab-ocular* (Derrida, 2010), coloca-se como uma abertura para que outras vozes, outros ruídos, outros sotaques, outras experiências entrem em contato e

(des)construam junto possibilidades inimagináveis (Haddock-Lobo, 2020), *difratando*⁴ o pensar *escola* por meio dela mesma.

Dito isso, como professoras e pesquisadoras que somos, é certo que são muitas as situações que nos atravessam quando falamos *escola*, mas há uma em especial que nos volta à memória junto à imagem do reflexo na poça d'água e que, por isso, entrelaçamo-la também ao jogo do texto. Talvez pela sensação de ver sem ver uma espécie de textura, próxima daquilo que vemos sem ver na *Imagem 1*, retorna-nos uma atividade realizada em uma turma do quinto ano do ensino fundamental I de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro. Tal atividade consistia numa caminhada a pés descalços no entorno da escola como sugestão para pensar a relação entre corpo e espaço escolar, uma ação que aconteceu depois de uma conversa sobre o trabalho de Paulo Nazareth, artista contemporâneo de ascendência indígena, negra e europeia que, ao se questionar sobre os apagamentos da sua própria história, em 2012 propôs-se a realizar uma caminhada do Brasil até os Estados Unidos ora com chinelos ora descalço, sem lavar os pés⁵.

Tensionada a conversa, os alunos foram estimulados a ocupar a escola e a experimentá-la pela sensação do tato dos pés, procurando, no percurso, surpreenderem-se. Nessa experimentação descalça, os estudantes poderiam levar lápis e papel para anotar suas impressões ou levar celulares para registros fotográficos, o que resultou em inúmeras criações em diferentes formatos. Desses registros, sentimo-nos impelidas a compartilhar uma

⁴ Aqui, usamos o termo difratar como o fazem Donna Haraway (1997) e Karen Barad (2007), para tratar de um efeito diverso do expresso pelo termo refletir, que costuma ser lido como reflexão do mesmo. Na busca por pensar o espelho d'água como desvio, distorção, difração aparece como uma prática para “reconfigurar topologicamente as conexões”, “fazer a diferença” (Barad, 2007, p. 381).

⁵ Ao longo da sua viagem, Paulo Nazareth, guiado pelo confronto às ausências de uma educação colonizada, experimentou o encontro com diferentes lugares, costumes e pessoas das Américas, realizando performances, distribuindo arte em panfletos e fotografando-se ao longo do caminho. A cada encontro suas passadas colocavam em questão significados e significações a respeito de ser negro e/ou indígena e como operam as forças opressivas que suprimem as diferenças ao mesmo tempo que as reconhece negando-as. Seus pés carregaram passo a passo os locais percorridos acumulando a poeira do caminho, ao mesmo tempo que abandonava seus rastros, suas intervenções artísticas. Como ato político, seus pés foram lavados no Rio Hudson, New York, Estados Unidos. Na verdade, a poeira foi lavada, apagada, mas as marcas da viagem, os encontros, ele próprio era outro, pois o percurso promoveu a abertura para algo incapturável. Ele afetou e foi afetado na busca de outros mundos para compreender o seu próprio, que se mostrou múltiplo, incompleto e impossível.



REVISTA
interitórios

Interitórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

fotografia (*Imagem 2*) registrada por estudantes que frequentam a escola cinco dias por semana, dez meses por ano e que, naquele momento, acolhiam o convite (em abertura) a experimentá-la sentindo-a de um outro modo.

Aliás, na ideia de outra nomeação, sentir deveria ser outro nome que devêssemos dizer (e já dizendo) *escola*, já que, de algum modo, afugenta as promessas das políticas educacionais que dizem garantir o alcance do futuro bem-sucedido a qualquer custo (Macedo, 2019; 1019a; Macedo; Miller, 2022). Embora, contudo, reconheçamos ser necessário falar sobre como as políticas educacionais vêm produzindo governamentalidade socioeconômica na vida dos sujeitos, de maneira a não nos perdemos daquilo que propomos neste texto – falar *escola* por meio daquilo que escapa sem que qualquer nomeação seja antecipada –, retornamos a pensar a *Imagem 2*. Isso, reiteramos, sem a intenção de descrevê-la como dado empírico que prova alguma coisa ou de dizer sobre o momento mesmo, posto que é incapturável. Portanto, dizemos mais uma vez, a imagem emerge aqui como um disparador de pensamentos, entrelaçada ao movimento do texto.

Imagem 2: Pés e gelo



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Como fotografia, trazemo-la para cá não pelo enquadramento do acontecimento de um amontoado de gelo, daquilo que nela é visível, óbvio. Trazemo-la para cá porque há nesse visível um outro aspecto que nos perturba e convida a escrever: a tentativa de registro do rastro de uma sensação. Uma invenção impossível, como toda invenção é, mas que de alguma maneira escancara essa impossibilidade. Não há como sentir o frio do gelo sob nossos pés; a sensação é intransferível, mas a imagem criada sob seu fantasma (Derrida, 1994a) e o desejo de compartilhá-la têm a potência de fazer pensar uma escola que não cabe em descrições, que extrapola e só é possível na sua própria impossibilidade, permitindo-se afetar e ser afetada no movimento.

Quando foi sugerida a caminhada aos estudantes, não havia como prever o que os afetaria ao longo do percurso ou o que desejariam compartilhar. Essa abertura trouxe criações e conversas imprevisíveis, deslocando o pensar *escola* para o que muitas vezes não é assumido legitimamente como parte de si, mas está lá a todo tempo fazendo-a movimentar continuamente. Texturas, sensações, sentimentos, expectativas, surpresas, desejos... (Macedo, 2017; 2017a; Lemos; Macedo, 2020), uma abertura que chamou a pensar como poderíamos ver as coisas e os espaços de outros modos, senti-los de outros modos, nomeá-los de outros modos, assumindo uma postura ativa de estranhar aquilo que parecia dado ou conhecido desde sempre, implicando-nos naquilo que entendíamos e assumíamos como *escola*.

Escola, então, não era, mas acontecia; acontecia ali no encontro, como um jogo contínuo em que tudo e todos estão constantemente emaranhados, enredados uns nos outros; um jogo que se autorremete, mas que nesse autorremetimento não espelha o mesmo, desvia, e, no desvio, cria (e por que não dizer, como fazem as palavras, este texto, a vida?)! Talvez assumir com Derrida (2012) que o acontecimento da escola acontecendo torna-se possível em meio à sua própria impossibilidade. Por isso, mais uma vez, dizemos: a escola não era, mas acontecia. Ou melhor, anunciamos: a escola não é, ela acontece! Isso significa que, na lógica da experimentação, da sensação de dizer *escola* pelo tato dos pés, não é possível antever um acontecimento, programá-lo ou mesmo ensaiá-lo. Não! Porque o acontecimento como



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

experimentação acontece singularmente (Derrida, 1994; Haddock-Lobo, 2013; 2021), mas, na sua singularidade mesma, paradoxalmente, é preciso que seja passível de ser reiterado para que se possa falar dele, para que seja reconhecido em algum lugar ou de algum modo como acontecimento. Ou seja, uma vez que se fala sobre um acontecimento como aqui fazemos, já não se trata mais do acontecimento; trata-se antes de um falar-sobre que produz outros efeitos/acontecimentos que não se podem antecipar e abrem fissuras imprevisíveis impossíveis de conter (Derrida, 1994; 1994a; Haddock-Lobo, 2013; 2013a; 2021). Entendemos, com isso, que pensar o encontrar *escola* acontece como um gesto em abertura àquilo que chega, nos toca e provoca ao desconhecido, como uma certa disponibilidade ao que invade, transforma, não se pode nomear e convida a entendê-la como outro todo outro que está em nós a todo tempo fazendo-nos movimentar, quer queiramos ou não.

O que estamos tentando dizer, portanto, é que o jogo está aí, acontecendo neste momento mesmo, e o estamos jogando a todo tempo, lá e cá, independentemente de desejarmos. Um jogo que, para ser jogado, pressupõe um espaço, um *vazio*, que se constitui “pela impossibilidade de plenitude de qualquer normatividade” (Lopes, 2018, p. 84) e, na sua disjunção, abre a invenção. É por isso que apostamos que devemos pensar o encontrar *escola*. Pensar não como ela funciona (sem deixar de pensar como ela funciona), mas como estamos implicados, sujeitos humanos e não humanos, no seu funcionamento (Butler, 2015). Importa, a nosso ver, além do discurso de que já se produziu escola, quais relações e experimentações pensam o encontrar *escola*.

PARA TERMINAR: PENSAR ESCOLA ALÉM

A teoria curricular, enquanto norma, em certa medida baliza o que pode ser significado como currículo, educação e escola e, como consequência, “sanciona que experiências escolares, das muitas que lá ocorrem, podem ser legitimadas como educativas” (Macedo, 2017a, p. 540). Dessa maneira, trazer para o foco da discussão aquilo sobre o qual não é possível nomear escola ou mesmo é impossível colocar em palavras, mas a atravessa e a interpela, como aqui estamos tentando fazer, numa implosão que desconstrói de dentro, tem a potência de rasurá-la e deslocá-la a continuar a ser pensada como rastro. Um rastro que não se coloca como presença, não é presença (Derrida, 1991), mas



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

“o simulacro de uma presença que se desloca, se transfere, se reenvia” (Derrida, 1991, p. 58), e, assim sendo, não tem lugar próprio, pois, “o apagamento pertence a sua estrutura” (Derrida, 1991, p. 58), apagamento este sem o qual “não seria rastro, mas indestrutível e monumental substância” (Derrida, 1991, p. 58) e, portanto, não anunciaria gestos de vida e outros efeitos ao diferir das coisas.

Rastros, na escola ou na teoria do currículo ou ainda na teoria da política curricular, é isso que tentamos deixar à mostra em um texto, ele próprio rastro de si: um simulacro aberto que, desde o seu princípio sem princípio, rui (Derrida, 2010). Uma possibilidade para abrir a escola ao porvir no deslocamento entre si e o gesto de resposta ao chamado urgente por meio de um eterno diferir. É preciso atentar, no entanto, que “por vir não se confunde com utopia, não é um horizonte que está lá para guiar ou mobilizar o caminhar” (Macedo, 2018, p. 168), mas, sim, “diz respeito a um campo aberto de possibilidades – infinito e incalculável – que só pode ser representado como ato ou como sua negação” (Macedo, 2018, p. 168). Negá-lo não o evita ou o impede de acontecer, mas deslegitima sua acontecimentalidade mesma e torna mais difíceis elucubrações poéticas e fantásticas possíveis-impossíveis.

Talvez assim, entre rastros e experimentações que por ora anunciamos, possamos pensar *escola* legitimamente como um lugar de encontro cujas paredes do seu nome irrompam diante da vida que acontece e germina, um descaminho para normatizar escola em abertura, sem sufocar o que nela a faz movimentar. É desse modo que deixamos aqui, ao final sem final deste texto-rastro-experimentação – não como ilustração ou representação de qualquer coisa, mas como semente que brota e se transforma a cada estação –, uma pintura realizada por uma de nós ao longo de nossas conversas, estudos, risadas, escritura. Deixamo-la como convite a pensar-criar-movimentar junto sem intenção de chegar a algum lugar premeditado, mas de viver a travessia (*Imagem 3*).

Imagem 3: Pintura sobre o mapa da cidade do Rio de Janeiro



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>



Fonte: Acervo pessoal.

Pintura realizada por uma de nós, a partir do registro das plantinhas que nascem das fissuras do concreto no entorno da UERJ em 2023.

Um apelo para que nossas palavras, assim como o nome *escola*, não sejam lidas como fechadas em si mesmas, como limites do dizer *escola*.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

Insistimos que é preciso transbordá-las, que elas devem ser transbordadas, pois, como a vida, elas só são ao transbordar nas suas incompletudes abertas e a deslocar continuamente diante do encontro com o que chega e acontece, fazendo rachar paredes aparentemente intransponíveis...

*Que a palavra parede não seja símbolo
de obstáculos à liberdade
nem de desejos reprimidos
nem de proibições na infância etc.*

(essas coisas que acham os reveladores de arcanos mentais).

Não.

*Parede que me seduz é de tijolo, adobe
preposto ao abdômen de uma casa.*

*Eu tenho um gosto rasteiro de
ir por reentrâncias.*

*Baixar em rachaduras de paredes
por frinchas, por gretas com lascívia de hera.*

Sobre o tijolo ser um lábio cego.

Tal um verme que iluminasse.

Manoel de Barros (1998, p. 51)

REFERÊNCIAS

Ball, Stephen J; Maguire, Meg; Braun, Annette. **Como as escolas fazem as políticas:** atuações em escolas secundárias. 2ª ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2021.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

- Barad, Karen. **Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the entanglement of matter and meaning**. Durham: Duke University Press, 2007.
- Barros, Manuel de. **O Guardador de Águas** (1989). 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- Butler, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Trad. Sérgio Tadeu de Nicmeyer Limarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- Derrida, Jacques. **Margens da Filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.
- Derrida, Jacques. **A voz e o fenômeno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- Derrida, Jacques. **Espectros de Marx**. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994a.
- Derrida, Jacques. **Salvo o nome**. Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1995.
- Derrida, Jacques. **Politics of Friendship**. London; New York: Verso, 1997.
- Derrida, Jacques. **Força de lei: o fundamento místico da autoridade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Derrida, Jacques. **Memórias de cego: o autorretrato e outras ruínas**. Trad. Fernanda Bernardo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- Derrida, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- Derrida, Jacques. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. Trad. Piero Eyben. **Revista Cerrados**, v. 21, n. 33, p. 229-251, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26148> Acesso em: 13 mar. 2024.
- Haddock-Lobo, Rafael. Encruzilhadas filosóficas: outros caminhos para uma filosofia popular brasileira **[Syn]Thesis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 130-141, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/65840> Acesso em: 30 abr. 2024.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

Haddock-Lobo, Rafael. Maria Navalha e a filosofia popular brasileira – um “trabalho” de campo. **Revista Calundu**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://calundu.org/revista/revista-calundu-vol-4-n-2-jul-dez-2020/> Acesso em: 30 abr. 2024.

Haddock-Lobo, Rafael. Notas sobre o trajeto aporético da noção de experiência no pensamento de Derrida. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. 53, p. 259-274, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/14271> Acesso em 29 fev. 2024.

Haddock-Lobo, Rafael. Derrida e oscilação do real. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 25-46, 2013a. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/5485> Acesso em: 30 mar. 2024.

Haraway, Donna. **Modest_Witness@Second_Millennium. FemaleMan@_Meets_OncoMouse™**: feminism and technoscience. New York: Routledge, 1997.

Lemos, Guilherme Augusto Rezende; Macedo, Elizabeth Fernandes de. Escola, Pedagogia e desassossego. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, p. 371-386, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10014> Acesso em: 10 mar. 2024.

Lopes, Alice Casimiro. Teoria pós-crítica, política e currículo. **Revista Educação, Sociedade e Culturas**, nº 39, p. 7-23, 2013. Disponível em: <https://www.up.pt/journals/index.php/esc-ciie/article/view/311/291> Acesso em: 26 abr. 2024.

Lopes, Alice Casimiro. Sobre a decisão política em terreno indecível. In: Lopes, Alice Casimiro; Siscar, Marcos (org.). **Pensando a política com Derrida**: responsabilidade, tradução e porvir. São Paulo: Cortez, 2018. p. 83-115.

Lopes, Alice Casimiro; Macedo, Elizabeth. **Teorias do Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

Macedo, Elizabeth. O currículo no portão da escola. In: Macedo, Elizabeth; Ranniery, Thiago (Org.). **Currículo, sexualidade e ação docente**. Petrópolis: DP et Alii, 2017. p. 17-44.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

Macedo, Elizabeth. Mas a escola não tem que ensinar?: conhecimento, reconhecimento e alteridade na teoria de currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 17, n. 3, p. 539-554, set./dez. 2017a. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol17iss3articles/macedo.pdf> Acesso em: 08 mar. 2024.

Macedo, Elizabeth. A teoria do currículo e o futuro monstro. In: Lopes, Alice Casimiro; Siscar, Marcos (org.). **Pensando a política com Derrida**: responsabilidade, tradução e porvir. São Paulo: Cortez, 2018. p.153-178.

Macedo, Elizabeth. Educação e a urgência de “desbarbarizar” o mundo. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1.101-1.122, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/44534> Acesso em 22 mar. 2024.

Macedo, Elizabeth. Fazendo a Base virar realidade: competências e o germe da comparação. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 39-58, 2019a. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/967> Acesso em: 22 abr. 2024.

Macedo, Elizabeth; Miller, Janet L. Por um currículo “outro”: autonomia e relacionalidade. **Currículo sem Fronteiras**, v. 22: e1153, p. 1-17, 2022. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol22articles/3macedo-miller.pdf> Acesso em: 30 abr. 2024.

Miller, Janet L. **Sounds of silence breaking**: Women, autobiography, curriculum. New York: Peter Lang, 2005.

Nazareth, Paulo. **Arte Contemporânea/LTDA**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

Santos, Maria do Socorro dos. “**Cada outro é cada outro**”: do currículo e diferença em quilombola do Arrojado. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/18399> Acesso em: 30 abr. 2024.

Santos, Maria. Narrar histórias de pesquisas e fazer pesquisa com a autobiografia. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 21, p. 1-19, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/59676> Acesso em: 30 abr. 2024.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>

Santos, Maria; Macedo, Elizabeth. Da responsabilidade ética do responder para que serve a escola. **Educar em Revista**, v. 38, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/er/a/M8xXNN5XL4Hg3Lw3FfP6JZm/> Acesso em: 30 abr. 2024.

Submissão em 30 de abril de 2024.

Aceite em 13 de agosto de 2024.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0

Internacional. Texto da Licença:

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e262696 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262696>